

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JULIANA DA SILVA

ABRINDO UM ÁLBUM DE FAMÍLIA: ROTEIRO DIDÁTICO SOBRE A HISTÓRIA E  
O COTIDIANO DO DISTRITO FEDERAL EM SUAS PRIMEIRAS DÉCADAS (1956  
A 1970)

BRASÍLIA

**RESUMO:** Neste trabalho é proposta a construção de um material didático sobre a história e o cotidiano do Distrito Federal nas primeiras décadas (1956 a 1970), a partir de um álbum de família, visto que as fotografias podem ser usadas para refletir o tempo e o imaginário, bem como a memória social de um determinado grupo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Distrito Federal, Construção de Brasília, Memória, Material didático.

## INTRODUÇÃO

Sendo a memória um objeto para elaborar a história, é possível refletir neste trabalho sobre a memória de indivíduos que viveram nas primeiras décadas na nova capital, Brasília, utilizando como referência um álbum de família que apresenta vestígios de memórias biográficas de uma família migrante.

Apesar de o grupo analisado não ser uma família que chega a Brasília com reconhecido poder político ou econômico, ele representa um padrão de pessoas que ascendem socialmente no Distrito Federal no final dos anos 1950, a partir das oportunidades apresentadas às pessoas de origem branca e com situação econômica estável. Conforme demonstram naquele contexto de construção da nova capital, um dos elementos característicos da história dessa família é a condição de comerciantes, que constroem uma casa, possuem um veículo e oportunizam aos filhos a continuidade dos estudos conciliados com o trabalho. Nesse sentido, a própria reunião de um conjunto de fotografias de cotidiano familiar já pode ser pensada como um elemento de status social, pois os registros cotidianos não eram comuns naquele momento.

Como fonte de pesquisa, será utilizado o álbum da família Guimarães, que conta com Amália Maria de Ávila, Giovani Nevedrem, José Alberto Guimarães, Eustáquio dos Reis Guimarães e Cristina Magda Nevedrem.

No caso dessa família, a coleção foi possível devido ao fato de que um dos irmãos ganhou uma máquina e encontrou formas de fazer a revelação das fotografias por meio dos contatos estabelecidos na Cidade Livre.

Sobre isso, vale citar que Eustáquio dos Reis Guimarães (2023) recorda-se de que seu irmão, José Alberto, possuía uma máquina Kodak, a qual teria ganhado. Com ela, tirava as fotografias da família e gostava de fazê-las no dia a dia com a finalidade de construir um álbum de família. Tal máquina fotografou inúmeras situações e o cotidiano daquelas pessoas.

O objetivo deste trabalho é construir um roteiro didático para os professores trabalharem em sala de aula com alunos do 9º ano do fundamental. Espera-se que este roteiro dialogue com o cotidiano das pessoas do Distrito Federal nas primeiras décadas, entre 1956 a 1970. Para a elaboração do material, serão utilizadas fotografias de acervo familiar. Com isso, o roteiro didático poderá dialogar diretamente com o álbum da família.

É preciso citar que Amália nasceu em primeiro de junho de 1923, em Patrocínio-MG, filha de espanhóis, casou-se com Alberto e tornou-se mãe, tendo então dois filhos: José Alberto dos Reis Guimarães e Eustáquio dos Reis Guimarães. Alberto, marido de Amália, com o decorrer do tempo enfrentou problemas com álcool, mas também tornou-se agressivo e, então, os dois se separaram. Amália conheceu Giovani Nevedrem e, com seus dois filhos, tornaram-se uma família.

Giovani Nevedrem veio sozinho da Áustria em decorrência da Primeira Guerra Mundial. Durante a guerra, sua família toda faleceu. Então, ele veio até a América do Sul, no navio do Circo Sarrasani, onde descascava batatas para permanecer na embarcação. Ao chegar ao Brasil, Giovani passou um tempo em São Paulo e depois foi morar em Minas Gerais, casou-se e teve filhos, mas o casamento não foi bem-sucedido. Após a separação, ele conheceu Amália, que já tinha dois filhos de um casamento anterior.

José Alberto dos Reis Guimarães nasceu em 25 de novembro de 1943 e Eustáquio dos Reis Guimarães nasceu em 09 de fevereiro de 1945. Ambos são frutos do primeiro casamento de Amália com Alberto. Mais tarde nasce, do casamento de Amália e Giovani, Cristina Nevedrem, em 28 de fevereiro de 1955, em Araxá - MG.

## **1. O uso de fotografias de acervo pessoal como estratégia para ativar memórias na pesquisa histórica**

Dialogando com Márcia Elisa Lopes Silveira Rendeiro (2010) podemos inferir que a fotografia é um texto “[...] passível, portanto, de leitura e interpretação, [...] as fotografias familiares nascem do desejo de narrar para a posteridade a trajetória do grupo, determinando a relevância de sua existência no universo social.” (RENDEIRO, 2010, p.6)

Além disso, conforme Noemia Paula Fontanela de Moura Cordeiro (2019), em sua dissertação de mestrado intitulada “A narrativa fotográfica dos álbuns de fotografia de família na Curitiba da primeira metade do século XX”, a fotografia e o seu barateamento fez que o retrato assumisse uma função social de afirmação moderna do indivíduo:

A necessidade de autoafirmação dos membros da burguesia, tanto como indivíduo quanto como partícipes de uma coletividade, faz com que “ao afirmar-se burguês, o modelo do retrato fotográfico declara contemporaneamente seu pertencimento a um grupo, cujos valores registra na superfície da imagem” (FABRIS, 2004, p. 39).

Para ela, contudo, os álbuns fotográficos de família se encaixam nessas prerrogativas tornando-se afirmações hierárquicas de subordinação, autoridade e projeção social, segundo a autora.

Tendo então as fotografias um caráter específico, pressupomos que nelas há a construção da memória social e sua narrativa da história. A fonte utilizada para este trabalho são as fotos de acervo pessoal de Cristina Magda Nevedrem e um arcabouço teórico para refletir e problematizar as questões inseridas nessa discussão. Buscamos também trabalhar a história do Distrito Federal, tanto como capital quanto como cidade.

Portanto, para este trabalho, é necessário questionar os elementos narrativos hegemônicos em torno da história da construção de Brasília, problematizando-os a partir de obras de James Holston, Márcio de Oliveira, Jusselma Duarte, Viviane Gomes de Ceballos e Gouvêa.

Sendo a História o estudo da ação do homem no tempo, precisamos entender que, assim como a ação do homem, são expressas na historiografia a intencionalidade e subjetividade do autor. Isso fica evidente porque a construção de Brasília está imersa num ideal de modernidade, logo há traços do ser social o qual a faz, e que carrega consigo todos os estigmas da sociedade e estrutura vigente.

Este trabalho foi realizado por meio de conversas com o meu avô Eustáquio dos Reis Guimarães (78 anos) e com sua irmã, Cristina Nevedrem (68 anos), minha tia-avó. Ambos são filhos de Amália Maria Ávila, e são os únicos vivos. O motivo desses encontros foi a análise conjunta do álbum de fotografias de família. Esses diálogos foram fundamentais para compreender as experiências da família na construção da nova capital.

Nessas conversas, relembramos a trajetória da família com ênfase na sua vinda para participar da construção da cidade moderna no Planalto Central. A narrativa de Cristina começa com a lembrança das histórias que lhes foram contadas desde o seu nascimento: 28 de fevereiro de 1955, em Araxá - Minas Gerais, que veio para Brasília com apenas nove meses de idade. No início da entrevista, Cristina ressalta que seu pai não tinha nenhuma fé na consolidação da cidade como capital do país: “Ele não acreditava que daria certo, aquele pessimismo de começar tudo do zero” (Relato oral concedido à autora na casa de Cristina, no



dia 14 de outubro de 2023), frase característica de muitas pessoas de diferentes lugares do Brasil, que mesmo assim vieram para a construção.

Já a narrativa de Eustáquio destaca que a oportunidade de trabalho era tamanha e que eram desejosos de crescimento: “quando a gente veio para cá, esperava muitas oportunidades para crescer” (Relato oral concedido à autora na casa de Cristina, no dia 14 de outubro de 2023).

As fotografias ou as narrativas contadas pelos mais velhos são importantes para pensarmos determinados assuntos de forma não convencional. Portanto, quando analisamos fotos ou narrativas, conseguimos exaurir informações que não estão presentes nos discursos tradicionais. Entretanto, todas as lembranças estão ancoradas nas histórias vividas em um quadro local e também temporal. (HALBWACHS, 1990, p.40)

Para Ecléa Bosi, a função social do velho é lembrar, “[...] unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir” (BOSI, 1979, p.18), aqui percebemos que essa função social é muito importante, dado que é através dela que conseguimos remontar o passado, da mesma maneira que outras fontes fazem. Com isso, podemos inferir que pessoas mais velhas carregam em si inúmeras memórias que são úteis para o remonte do passado.

Ainda com Bosi, podemos depreender que, segundo a autora, a memória é sufocada pela história oficial, que tem a intencionalidade de trazer a vitória do vencedor acarretando muitas das vezes uma invasão:

[...] as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra “história” por uma memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade. Contudo, nisso reside também um dos aspectos decisivos de seu trabalho, pois ao dar a palavra a vozes que foram silenciadas, seu livro grita: “aqui vocês nada podem tocar e nada podem destruir (BOSI, 1979, p.18)

Dessa maneira, a autora defende que quando reverbera assuntos silenciados, a verdade ou a “história” como é usada acima perde significativamente a relevância.

Ainda falando sobre memórias sufocadas, notamos que a história oral é fundamental para a reconstrução do passado, visto que:

[...] memórias individuais, em que cada pessoa busca lidar com as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais. Aí torna possível recuperar o silêncio, dar voz e trajetória às imagens e sentimentos vivenciados outrora, ainda não reconhecidos no presente. (COSTA, 2015, p.84)

Segundo Michael Pollak (1989), em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, e dialogando com Costa (2015), a história tradicional nem sempre está carregada de memória dos excluídos ou marginalizados, a história oral permite que tenhamos acesso a essas narrativas, portanto:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. (POLLAK, 1989, p. 2)

Nesse trecho, Pollak fala sobre a importante tarefa de reabilitação da periferia e da marginalidade, o que só é possível dando voz a esses indivíduos. Da mesma maneira ocorre com a história do DF ou das mulheres, por exemplo, onde só é possível falar sobre a ausência de seus discursos colocando-os em evidência.

Para Pollak, as memórias individuais também podem ser apresentadas de maneiras diferentes quando são relatadas, porém “Tanto no nível individual como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais distintivos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados.” (POLLAK, 1989, p. 11). Segundo o autor, devemos estabelecer algumas preocupações em relação ao trabalho com memória:

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. (POLLAK, 1989, p.11)

Portanto, não podemos puramente usufruir de memórias aleatórias para formulação de narrativas históricas, mas sim observar que o enquadramento demanda o entrecruzamento com outras referências documentais ou bibliográficas.

Segundo Cléria Botelho Costa e Eloísa Barroso (2015), Brasília é resultado de um projeto desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, com a finalidade de construir um polo entre Sudeste, Centro-Oeste e a Amazônia, que seria integrado ao processo capitalista em curso.

Sobre a construção de Brasília, Márcio de Oliveira, em seu trabalho *Brasília: uma cidade ou uma capital à época de sua inauguração?* (2006), explica que a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília é bem documentada, contendo inúmeras fotos datadas de 1960, mas que na realidade estava longe de configurar-se uma cidade ou mesmo uma capital. O autor parte do pressuposto de que Brasília não tinha condições, nem administrativas nem políticas, para se tornar uma capital:

Brasília não reunia completamente as condições – tanto do ponto de vista político (os atores políticos dos três poderes não estavam presentes e atuando no novo ambiente) quanto do ponto de vista administrativo (não havia funcionários, a estrutura material e mesmo os edifícios não estavam operacionais) – para ser uma capital. (OLIVEIRA, 2006, p.90)

Nessa lógica, compreendemos que a história mais conhecida nos faz entender que Brasília estava amplamente pronta em 1960, após sua inauguração, mas relatos como os de Eustáquio e Cristina, além da historiografia crítica, evocam uma parte da memória que a história que se tornou hegemônica tenta apagar.

Oliveira evidencia que em 1956 o governo de JK previa a mudança da capital sem fixar uma data para isso e, também, previa a criação de uma empresa pública, a Novacap, inclusive todas as decisões seriam tomadas por ela, bem como pelo presidente Israel Pinheiro. A primeira decisão tomada pela Novacap foi de organizar a construção, dividindo-a em três áreas:

[...] uma destinada às atividades comerciais e de serviços (posteriormente denominada Cidade Livre ou Núcleo Bandeirante), outra destinada à administração da cidade (escritórios da Novacap, acampamento central, armazéns e depósitos) e uma última, destinada à administração das empresas privadas. (OLIVEIRA, 2006, p.94)

O prazo mencionado para finalizar a obra da capital era de três anos e dez meses, ou seja, para agosto de 1960, porém apenas uma parte estava pronta na inauguração. No entanto, “as obras prioritárias consistiam na residência presidencial (ainda sem nome), no aeroporto, no batalhão da guarda e nos edifícios públicos dos 3 poderes constitucionais” (OLIVEIRA, 2006, p.94). Dessa maneira, é evidente que a cidade em questão não era uma prioridade, mas a identidade de uma capital:

Ela confirma que o objetivo perseguido era a construção de uma capital (símbolo de uma nova nação) e não necessariamente de uma cidade. Dito de outro modo, a ideia era erguer um centro administrativo, dotado de infraestrutura urbana mínima, onde pudesse funcionar o poder do Estado. (OLIVEIRA, 2006, p.94)

Em 1960, ano da inauguração, surgem resistências à transferência da capital, pois argumentava-se que as instituições não funcionavam plenamente, dessa forma inúmeros ministérios se recusaram a sair do Rio de Janeiro. Após a inauguração, pessoas que vieram para o evento retornaram para o Rio. Acerca disso, Márcio de Oliveira destaca: “A cidade teria visto sua ‘população’ se precipitar nas agências de viagem ou tomar a estrada Brasília-Belo Horizonte.” (OLIVEIRA, 2006, p.105), evidenciando o então retorno de muitas pessoas.

Juscelino Kubitschek (conhecido como JK) carrega em suas falas e especialmente em seu livro *Por que construí Brasília?* (2000), que a construção da capital no planalto central teria sido um dos maiores marcos do país:

A nova Capital, descontada sua grandiosidade arquitetônica, permitiu que dois terços do nosso território — que eram desalentadores "espaços vazios" — fossem conquistados. Pode-se dizer assim, e com a maior segurança, que o Brasil só se tornou adulto depois da construção de Brasília. Durante toda a sua História - do Descobrimento até o meu Governo (KUBITSCHKEK, 2000, p.11)

Para JK, sua audácia teria sido a de tornar o país adulto, traduzida pela modernização do Brasil. Em sua teoria, tal questão tornava-se necessária com o decorrer da história do povo brasileiro. O presidente traduz com sua narrativa que o Brasil dependia desse marco para amadurecer-se diante do histórico do país.

Kubitschek evidencia em seu livro passagens que mostram o quanto Brasília foi concebida por ele como algo imagético, intocável e perfeita, é possível afirmar isso através de uma de muitas falas: “Depois, ao inaugurar a nova Capital da República, no dia certo, na hora certa, com todas as coisas nos seus lugares [...]” (KUBITSCHKEK, 2000, p.2). É, então, necessário pensar a respeito dessas coisas que estariam já nos lugares e também na hora certa, segundo JK.

Ao dizer que a cidade estava pronta, JK omite informações importantes como para quem, dado que, segundo Oliveira, a cidade não era prioridade, mas sim a identidade de capital. Dessa maneira, lembramos que os inúmeros problemas, bem como as difíceis condições de permanência das pessoas que se deslocaram para a construção da capital, não estão inclusos nos escritos de JK.

Segundo James Holston, a capital não previa cidades satélites e nem lugares para os trabalhadores residirem, mas deixava compreensível que não poderia se constituir tampouco uma periferia operária:

Assim, os planejadores de Brasília estabeleceram desde o início uma das intenções radicais da nova cidade: não deveria deixar que se desenvolvesse a periferia de miséria operária que, de forma legal ou não, tipicamente se tem produzido à volta das metrópoles brasileiras. (HOLSTON, 1993, p.257)

Dessa maneira é evidente que Brasília não estava apta para abrigar os trabalhadores, uma vez que não estava pronta para ser a capital do país.

### **Memórias herdadas de Amália**

Michael Pollak (1992), em “Memória e identidade social”, destaca que parte da memória é herdada e não apenas diz respeito à vida física da pessoa, mas que obedece uma certa forma chamada por ele de “flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.” (POLLAK, 1992, p. 204). Portanto, para Pollak a

memória é construída de forma individual e socialmente, obedecendo a ligação entre memória e o sentimento de identidade.

Amália Maria de Ávila, uma entre 10 filhos, nasceu em primeiro de junho de 1923. Filha de Antônio Martins de Ávila e Maria Teodora Conceição de Ávila, descendentes de espanhóis, família tradicional de Patrocínio - MG, fazendeiros cuja fonte de renda era através do gado. Amália casou-se com Alberto Guimarães em 31 de Dezembro de 1942 e morou em Patrocínio durante um tempo com seu marido, Alberto era motorista de ônibus, de “jardineira”, como era mencionado na época segundo Cristina. Devido à falta de estabilidade financeira, o casal se mudou várias vezes. Viveram um tempo em Patrocínio - MG, quando Amália teve seus dois primeiros filhos, José Alberto dos Reis Guimarães e Eustáquio dos Reis Guimarães.

Eles chegaram a residir em Uberaba, local em que Amália trabalhou em um hospital e fez um treinamento para aplicar injeção. Ela precisava do trabalho para cuidar dos filhos, já que seu marido não a ajudava, por isso mudou-se novamente para Patos de Minas, onde trabalhou com bordados. Contudo, tudo começou a piorar: o marido tornou-se agressivo, batia nela e em seus filhos, foi quando sua família soube da situação e decidiu intervir. Apesar de sentirem vergonha diante disso, Amália e Alberto decidiram se separar.



Imagem 1 - Amália e seus filhos Eustáquio e José Alberto. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal)  
Ano provável: 1948

Na imagem 1 temos Amália, José Alberto e Eustáquio no hotel Barreiro, conhecido por suas águas termais em Araxá, Minas Gerais.

Amália e sua família residiam em Araxá quando ela se separou do marido, um de seus filhos tinha sete anos e o outro 8 anos de idade, eles eram apenas crianças. Nessa ocasião Amália conheceu Giovani Nevedrem, cujo apelido era João Nevedrem. João já havia sido casado, mas estava também se separando, dessa forma foram morar juntos, porém a cidade era pequena e tornou-se difícil viver no local. Cristina ressalta que “a família ficou contra o casal e a cidade inteira ficou julgando”, foi nesse momento que souberam da transferência da capital, uma oportunidade de trabalho e fuga da cidade e de todos os julgamentos.

Quando vieram, a cidade ainda era apenas poeira, não havia como ceder lugar a criança ou a vida familiar. Portanto, até ser o “momento certo” segundo Cristina, mãe e filhos residiram em Anápolis – Goiás, onde havia escola para José Alberto, já que não havia como estudar em Brasília. Seu irmão Eustáquio não quis estudar, então veio com seu pai João para a construção da nova capital.

Em uma conversa com Cristina, ela fala sobre sua história como se fosse uma parte de sua mãe, narrando os passos anteriores ao seu nascimento, pois carrega muitas das memórias vividas e herdadas de sua mãe. Durante muito tempo, sua mãe foi sua companheira; as duas residiram e trabalharam juntas até o falecimento dela.

Na foto abaixo (imagem 2), Cristina relembra sua infância e seus vestidos. A foto teria sido tirada com auxílio da sua mãe, que a segurou por trás para não aparecer na fotografia. A menina tinha nove meses de idade, em novembro de 1955. Na foto ela está usando um belíssimo vestido de babados, pulseira e também um colar religioso no pescoço. Cristina revela o carinho que sua mãe tinha ao arrumá-la: “minha mãe era muito caprichosa, pensava em todos os detalhes”.



Imagem 2 – Cristina, terceira filha de Amália aos seus 9 meses de idade. Fonte: Álbum de família (acervo pessoal). Ano provável: 1955.

Na imagem 3 temos o passaporte de João, cujo nome é Giovanni Nevedrem.



Imagem 3 – Foto do passaporte de João Nevedrem. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 2023.

João e Eustáquio até alcançarem a sua fonte de renda, buscaram diversas formas de trabalho. Cristina relata que a tentativa para inserção no mercado de trabalho foi tão grande, que o pai e o irmão se arriscaram em diversas atividades até se consolidarem em um trabalho. Primeiramente, tentaram se envolver no transporte de verduras, já que possuíam um caminhão (imagem 4). Também tentaram outras atividades, mas surgiu a oportunidade de trabalhar na obra responsável por cascalhar o terreno para construir a pista de pouso do primeiro avião, ou seja, a pista de voo com Juscelino Kubitschek. Foi nesse instante que os trabalhos surgiram. Em entrevista, Cristina refere-se ao avião como “teco-teco”.

Amália, mãe de Cristina, exercia alguns trabalhos na localidade que residia, ainda em Anápolis, onde moraram por dois anos. Fazia linguiça, sabão e outros produtos, tudo em um fogareiro, o qual era extremamente difícil para ascender. Mesmo sendo uma atividade difícil de executar, tal fato demonstra que Amália tinha participação na construção da economia familiar, já que exercia atividades diversas para o sustento da família.

Cristina conta que quando Amália veio morar junto a João e Eustáquio, que já estavam morando na capital, seu irmão mais novo, José Alberto, permaneceu sozinho em Anápolis para estudar. Então, segundo Cristina, os três moraram em uma casa improvisada: “morávamos em uma loja onde havia prateleiras, de um gringo, nós três... um libanês. Mamãe conta que era espremido demais, não tínhamos banheiros, no Bandeirante, Cidade Livre”.

Contudo, Cristina começa a narrar que conseguiram um lote para construir: “aqui tinham uma ajuda, conseguiam tirar umas madeiras, das árvores que foram tiradas para fazer o Lago Paranoá, enchiam os caminhões, trocavam então por tábuas já cortadinhas, para fazer as casas, tenho a foto da casa pronta e nós a olhando, eu tinha três anos.” (imagem 5), dessa forma conseguiram erguer uma casa para morarem no Núcleo Bandeirante, em 1957.

A vida da família no Bandeirante era uma vida simples, mas também com conforto comparada a outras famílias, a luz provinha de motor, não havia água encanada, mas sim uma bica de água perto da placa das Mercedes, onde buscavam água. Era uma família comum ao tempo, mas possuíam uma boa estrutura para viver.





Imagem 4 – João Nevedrem em frente seu caminhão em sua casa no Bandeirante. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 1957



Imagem 5 – José Alberto, Eustáquio, Cristina e João em frente a casa pronta do Bandeirante. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 1957.

Na imagem 4 temos João, pai de Cristina, em seu quintal no Núcleo Bandeirante. É possível observar a casa concluída, onde eles começaram a residir e puderam sair da loja onde moravam. É possível também observar seu caminhão, que representava parte da fonte de renda da família. Já na imagem 5 temos quatro pessoas observando a casa: Cristina pequena, seus irmãos Eustáquio, José Alberto e seu pai.

Em uma das tentativas de sustento da família, Cristina ressalta que seu pai também possuiu um negócio de frutas e verduras. Seu pai tinha um sócio e que os dois tinham um armazém chamado Armazém Leão do Norte, porém não conseguiram dar andamento ao comércio devido ao fato de estarem sendo roubados pelo sócio.

Cristina Magda também conta que sempre fizeram passeios que, de certa forma, eram muito acessíveis para entrar em contato com o Presidente. Há mais de dois encontros entre os dois em um de seus passeios.



Imagem 6 – Cristina aos 5 anos passeando em meio a inauguração de Brasília. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 1960.

Na imagem acima temos Cristina em um passeio com a família e ao fundo temos o Palácio da Alvorada, nessa foto Cristina tinha apenas 5 anos de idade. Esse vestido, inclusive, foi usado pela garota em sua festa de cinco anos, meses antes dessa foto ser tirada.

Cristina relembra que essa foto foi feita em meio à comemoração da inauguração da capital, em 1960.

Dialogando com as ideias de Cléria Botelho, é possível pensar que Cristina também foi fruto de uma cidade “sem praças, sem rua, sem coreto - espaços públicos, territórios de manifestação popular” (BOTELHO, 2015, p. 32). Ao vim de outra localidade, suas brincadeiras incluíam seus vizinhos e comemorações coletivas no fundo do quintal, até que o espaço se tornou uma cidade pronta.

A partir da discussão sobre a moradia, Cristina conta que para conseguir um lote para morar as pessoas tinham que comprovar que toda a família tinha migrado em busca de oportunidade de trabalho, ou seja, o homem não estava sozinho.

Cristina diz “mamãe foi várias vezes, foi difícil, mas foi encaminhado”, mostrando que a mãe teve participação importante nessa questão do lote.

Cristina destaca que não foi tão fácil conseguir o lote para construir sua residência e sair da loja provisória,. Quando ainda era criança, sua mãe foi em uma dessas tentativas e, conversando com Dr. Godoi, responsável pelas questões de residências, Cristina lembra-se de ter dito: “Nós não temos lotinho, nem casinha, nem pauzinhos para fazer a casinha”. Foi nesse momento que JK apareceu e disse pessoalmente que iria “arrumar pauzinho para papai carregar e construir”. É possível observar nas imagens 7 e 8 a bela casa em madeira que conseguiram construir com bastante detalhes:



Imagem 7– Cristina em frente à sua casa posando para foto. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 1963.

Na imagem acima conseguimos observar Cristina aos seus oito anos de idade, mas também podemos perceber que sua casa está plenamente apta para residir, inclusive que há grande qualidade, tendo vitros que podemos observar na imagem 8.





Imagem 8 – Cristina sentada com coelho na porta de sua casa. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 1963.



Imagem 9 – Cristina no Lago Paranoá pescando. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 1963.

A imagem 9 é de Cristina pescando no Lago Paranoá em um dos vários passeios que ela e sua família faziam aos domingos.





Imagem 10 – Cristina, Amália e João visitando a Praça dos Três Poderes. Fonte: Álbum de família (acervo pessoal). Ano provável: 1963.



Imagem 11 – João na Praça dos Três Poderes. Fonte: Álbum de família (acervo pessoal). Ano provável: 1963.

Acerca das fotografias 10 e 11, assim como a foto do lago Paranoá, Cristina ressaltava que os domingos eram, em suas palavras, “ muito grandes, naquele tempo dava para fazer muitas coisas, hoje que não conseguimos” revelando que faziam muitos passeios nos fins de semana quando sobrava tempo.

Cristina ajudava sua mãe, pois seu pai enchia o caminhão de madeira e levava para casa, mas as madeiras estavam cheias de pregos, então as duas ficavam juntas até mais tarde retirando esses pregos para vender a madeira e usar em fogões. Cristina diz que “só depois minha mãe fazia o almoço nas pressas”, demonstrando que apenas a atividade doméstica não era de fato exclusiva na vida da mãe.

Amália também trabalhava para ajudar a irmã, que vivia em Patrocínio e era viúva com quatro filhos: “Nós fazíamos um montinho, amarramos com arame e vendíamos, por exemplo, um ou dois reais, trabalhávamos demais.”. Segundo Cristina, seu irmão “Kaka” (Eustáquio) já trabalhava na Novacap (imagens 12 e 13), e José Alberto trabalhava no Banco Real.

Estes destaques foram mencionados diante da variedade de trabalhos realizados por Cristina e Amália: “foi muito difícil, mas deu certo para ninguém passar dificuldade, alimentação era boa, roupas também [...] Tínhamos conforto, nada exagerado por sermos



pobres [...] Mamãe ajudou a irmã assim”.

Imagem 12 – Eustáquio no DVO trabalhando. Fonte:Álbum de Família ( acervo pessoal). Ano provável: 1960.





Imagem 13 –Eustáquio no DVO trabalhando. Fonte:Álbum de Família ( acervo pessoal). Ano provável: 1960.

Nestas fotos, Eustáquio estava no DVO aos seus 14 anos de idade, na Candangolândia, onde entregava papéis com informações ou tomava nota de um nome. Ele já trabalhava como contínuo de maneira a realizar serviços gerais, desde varrer o chão a entregar recados. Eustáquio conta que o trabalho realizado dessa forma era uma maneira de ajudar em casa, então ele trabalhava e não tinha dificuldade para arrumar empregos desse gênero sem problemas.

Ainda sobre os trabalhos realizados por Amália, Cristina ressalta: “mamãe costurava, foi enfermeira prática e ela não queria parar, era muito diferente das mulheres que ficavam em casa com os filhos”. Há algumas fotos que demonstram o talento de Amália com a costura, por exemplo a fotografia em que Cristina está usando um belo vestido feito pela mãe (imagem 14), o qual ela aprendeu a fazer com “Zumira, que morava em Sobradinho”.



Imagem 14 – Cristina de vestido de festa junina e sua mãe Amália. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal) Ano provável: 1963.

Na imagem 14 vemos Cristina, na área de sua casa no Núcleo Bandeirante, aos seus 8 anos usando um vestido para festa junina que sua mãe mesmo fez. Cristina conta que esse foi um dos dois vestidos que a mãe fez para ela usar na festa junina.

Cristina finaliza sua fala sobre a costura fazendo uma ressalva sobre o trabalho das mulheres: “então, naquele tempo a ocupação das mulheres para ajudar os maridos eram costureiras, cozinheiras, ninguém falava doméstica, haviam muitas cantinas espalhadas, mais no Plano Piloto, pois lá que começou a construção primeiramente, tinham lavadeiras e enfermeiras... Só tinha um hospital aqui, no IAPI. Já mulheres na política ou trabalhando em cargos públicos não tinham. Isso aí foi depois.” Com isso, Cristina revela que as mulheres atuaram na construção de Brasília mesmo que com limites bem demarcados, pois na vida pública havia espaços para as mulheres apenas como esposas, mães ou filhas.

Quando a perguntei sobre se sentir próxima da construção da capital, Cristina disse que os lugares que eram reservados para as mulheres dos trabalhadores eram os mais subalternos possíveis, pois: “os pobres não podiam ter empregadas, eram cozinheiras, lavadeiras, não tinha água encanada, tinham que ir perto do aeroporto buscar, foi muito

difícil, mas tudo que ela fez foi tudo que conseguiu. Sempre gostei de cantar, declamar poesia, vivi bem no Bandeirante, não tinha violência, só poeira. Mesmo quando nos mudamos ainda havia cascalho daqueles de machucar os pés”.

Quando questionada sobre sua mãe, Cristina disse: “meu tio dizia que minha mãe era um avião amarrado, que se não fossem as amarras ela iria voar, que nem as mulheres de hoje, as quais podem fazer muita coisa”.

Antes de finalizar e falar sobre a fonte de renda mais próspera feita pela mãe, Cristina relembrou outra personalidade feminina em sua vida: “tive uma professora baiana, que trabalhava com tudo, até com coisa reciclada, aí minha mãe viu flores que ela fazia e interessou, sabe? Investigou onde poderia comprar as coisas e disse: isso deve ser bom de fazer.” Assim começa a trajetória das duas fazendo flores, arranjos, grinaldas e até decorações para casas.

Amália, segundo Cristina, falou com um amigo de seu filho sobre a possibilidade de aprender em Belo Horizonte, o amigo se mostrou solícito e disse que tinha uma tia que poderia ajudá-la para ela fazer o curso e profissionalizar-se. Enquanto isso, Cristina ficava em casa fazendo comida para o pai e para os irmãos, já que, nessa época, ela estudava (imagem 15). Sua mãe aprendeu tudo que tem relação com as flores, como prensa e goma, mas para isso precisou ir até Minas Gerais.



Imagem 15 – Cristina em frente a casas com uniforme e pasta escolar. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 1964.

O trabalho com flores artificiais deu tão certo que Amália mal conseguia realizar todas as encomendas e ela foi indicada por lojas. Ela fazia grinaldas e arranjos, além de decoração de bolo, casa, entre outros (imagens 16 e 17).

Cristina conta que a mãe fez grinalda para os Estados Unidos, para a filha do embaixador, que o telefone não parava de tocar por conta do grande número de encomendas.



Mesmo diante de tanto trabalho, Cristina disse: “mamãe poderia era ter feito quitanda também, não haviam quitandas assim”, demonstrando que o trabalho da mãe ultrapassava as ações domésticas, já que as roupas, as guirlandas e os enfeites para serem vendidos não cabiam ao papel exclusivo da mulher na época.



Imagem 16 – Amália fazendo flores. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 1992



Imagem 17 – Moça posando para foto de sua festa usando grinalda e arranjo feitos por Amália e Cristina. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano provável: 1979

Na imagem 16 temos Amália Maria fazendo arranjos. Já na imagem 17 podemos observar uma moça em sua festa de 15 anos usando a grinalda feita por Cristina e Amália, também podemos ver os arranjos das flores.

O relato de Cristina mostra que o trabalho da sua mãe e seu, de certa maneira, não se limitava apenas às tarefas domésticas. Elas trabalhavam dessa forma também, mas não exclusivamente. Como exemplo, podemos observar a tarefa de fazer o almoço como secundária ao trabalho de tirar os pregos das madeiras. Cristina ainda aponta que o trabalho com grinaldas também foi responsável por grandes melhorias em casa. Portanto, essa narrativa demonstra um possível imaginário das mulheres na construção de Brasília.

Na proposta didática, é possível observar questões relativas às mulheres e ao imaginário, bem como ao trabalho exercido por Giovani, José Alberto e Eustáquio. Também são abordadas questões sobre permanência e migração.

Com base nos relatos sobre a história de Brasília e DF feitos pelos autores utilizados, foi possível relacionar, em alguns aspectos, a narrativa e as fotografias apresentadas com as informações bibliográficas supracitadas. Vale destacar que, de acordo com a história tradicional, em 1960 Brasília estava amplamente pronta. Entretanto, como apontou Oliveira (2006), as obras prioritárias eram a residência do presidente e outros edifícios oficiais. Fato que foi confirmado pela análise do álbum.

Conforme foi discutido ao longo do artigo, Bosi (1979) afirma que a memória pode dar palavras a vozes que foram silenciadas, sendo que a história tradicional frequentemente não carrega a lembrança de grupos excluídos e marginalizados, como é o caso dos migrantes durante a construção de Brasília.

Sob essa visão, notamos a utilidade das fotografias para refletir o tempo e o imaginário, além de serem um texto passível de leitura e interpretação para narrar posteriormente uma determinada história. Desse modo, estão presentes nas fotos e no relato de Cristina o imaginário e a memória das pessoas que viveram nas primeiras décadas da capital.

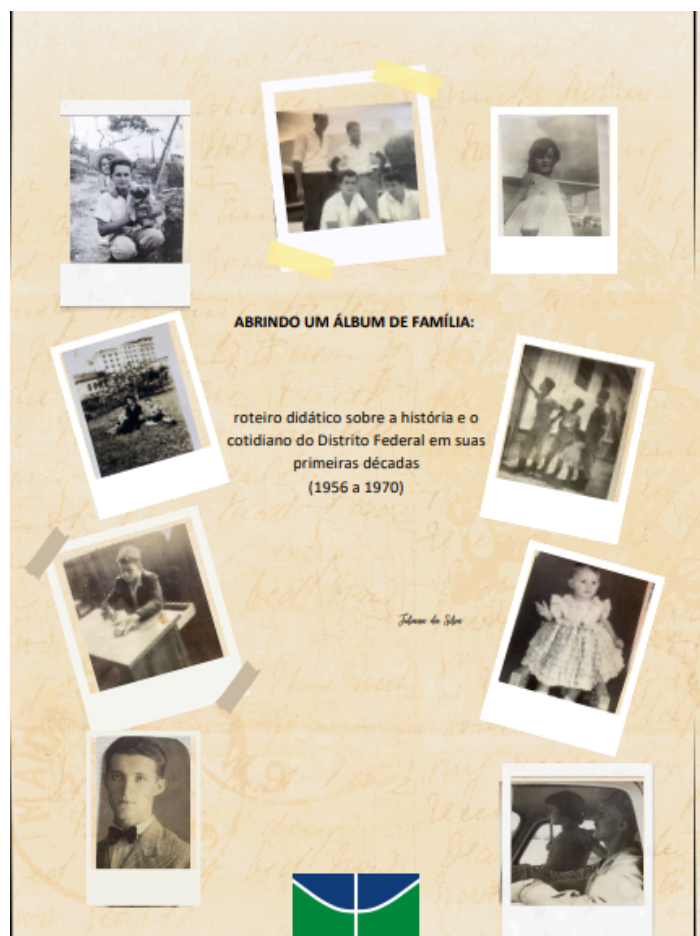
Relacionando a narrativa de Cristina com as fotografias analisadas foi possível observar que, durante a construção de Brasília, as mulheres também exerciam diversos ofícios, mesmo que não fossem usando pás ou dirigindo caminhões. Mulheres assim como Amália trabalhavam no que conseguiam, eram mulheres que faziam comidas em fogareiro, que acenderam o fogo e cortaram madeiras, mas também faziam roupas, cuidavam da família e faziam o necessário.

Consequentemente, para Simone de Beauvoir (1945), as mulheres sofrem com concepções estereotipadas que determinam características gerais para que elas se tornem mulheres. Características como feminilidade, cuidado com as crianças, casa ou matrimônio, reduzindo qualquer outra atividade relacionada à economia ou ao financeiro à atividade masculina.

### **Abrindo um álbum de família: Uma sugestão didática para o ensino de história local do Distrito Federal**

O material foi produzido com destino aos professores que trabalham com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Distrito Federal. O intuito é que a história do Distrito Federal seja percebida como entrelaçada com a história das pessoas dessa localidade, observando o

cotidiano de sujeitos comuns a partir de um acervo pessoal de família e um roteiro investigativo e reflexivo.



Em consonância com o Currículo em Movimento, essa proposta didática tem o objetivo de descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1956 e 1964, investigando a produção de desigualdades regionais e sociais, por meio das discussões acerca da construção de Brasília e de localidades que compõem o novo Distrito Federal.

Partimos do pressuposto de que a história pode ser construída de diversas formas, e sabemos que as fontes são complexas e guardam particularidades de acordo com a linguagem e com o suporte em que se encontram.

Nesse sentido, ao utilizar fotografias como fontes, segundo Breckner (2014), é possível criar relações sociais, conectando os indivíduos uns aos outros de modo imagético para, num tempo mais ou menos próximo, imaginar determinado período favorecendo o diálogo entre gerações. Isto posto, um álbum de família foi utilizado ao longo do trabalho para guiar a narrativa e contar uma história maior: a construção de Brasília



Assim, construímos a partir da ferramenta online denominada “Canva”, uma sugestão didática. Essa sugestão inclui inicialmente informações para os professores e, em seguida, a descrição do caso, que é a história da família a que pertence o álbum utilizado.

Em terceiro lugar, na sugestão didática, foram apresentados os problemas relacionados à elaboração do material. Sobre isso, podemos destacar a capital como terra da esperança, o ideal de merecimento e esforço individual, sem mencionar os elementos de gênero, classe, raça, localidade de origem e instrução, entre outros.

Para essa sugestão didática, elaboramos um conjunto de pistas organizadas para anteceder perguntas, auxiliando os usuários na composição das respostas. A primeira pista é construída em torno dos integrantes da família Guimarães, dispomos os indivíduos como se fossem uma espécie de jogo, como cartas de duelos, para que pudessem apresentar não apenas as características gerais e informações, mas também definições, profissões, graus de escolaridade e como as pessoas eram vistas por fora.

**Pista 1.a**

**AMÁLIA**



Imagem 1 - Amália. Fonte: Álbum de Família (acervo pessoal). Ano: 1952

**Nome completo:** Amália Maria de Ávila  
**Data de nascimento:** 01/06/1923  
**Auto-identificação racial:** Branca  
**Localidade de origem:** Patrocínio - MG  
**Grau de escolarização:** 6ª série  
**Profissões que exerceu antes e depois de Brasília:** Costureira, bordadeira, artesã

**1. Quem eu era no momento da construção de Brasília?**  
As pessoas me viam como uma mulher forte que rompeu com barreiras da sociedade, ao decidir me divorciar de um casamento e traçar o meu próprio destino.

**2. Como foi a minha trajetória em Brasília?**  
Me vejo como uma boa mãe, trabalhadora, obstinada e forte, uma ótima dona de casa, que trabalhou para a família durante muito tempo de sua vida, mas também exerceu outras atividades como fazer grinaldas e ornamento de festa.

A segunda pista é uma série de fotos, que são da casa em que a família morou no Núcleo Bandeirante, na Quarta Avenida. Essas fotografias são usadas para mostrar as casas e

para relacionar com o ideal de capital planejada e totalmente moderna e relacionar com o que já se conhece sobre a construção de Brasília.

FOTO 2

### Série de fotografias da casa do Núcleo Bandeirante





Imagem 6 – Cristina em sua casa no Núcleo Bandeirante, segurando sua boneca nas mãos. Fonte: Álbum de família (acervo pessoal). Ano: 1963

Imagem 7 – Cristina e sua mãe em casa, no Núcleo Bandeirante, em seu quintal. Fonte: Álbum de família (acervo pessoal). Ano: 1963

Nas imagens 6, 7, 8 e 9, podemos observar Cristina e Amália, em sua casa, no Núcleo Bandeirante. Fonte: Álbum de família (acervo pessoal) Ano: 1963





Imagem 8 – Cristina em sua casa no Núcleo Bandeirante, sentada com papagaio nas costas, ao lado dos pneus, do caminhão de seu pai. Fonte: Álbum de família (acervo pessoal). Ano: 1963

Imagem 9 – Cristina com Amália, sua mãe. Exibindo a roupa que Amália fez para ela, para usar na festa junina. Fonte: Álbum de família (acervo pessoal). Ano: 1963

Para refletir...

Descreva em detalhes o que é apresentado em cada uma das fotografias da página anterior. Essas imagens se assemelham às referências que você já conhecia sobre a construção de Brasília? Se não, destaque quais são as principais diferenças.



A pista 3 também se trata de uma série de fotos do álbum de família, do acervo pessoal da família Guimarães. As fotos são usadas da mesma forma da apresentação anterior, seguidas de uma reflexão didática.

Já a quarta pista tem recortes de jornais, o primeiro do jornal Tribuna de Imprensa e o segundo do Correio Braziliense. Esses recortes são utilizados da mesma forma que as fotografias e, seguidos deles, há a sugestão didática. A pista 5 traz um documentário e um recorte dele, também seguido da reflexão didática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, L. M. **A construção de Brasília: uma contradição entre utopia e realidade.** Encontro de História da Arte, Campinas, SP, n. 1, p. 11–20, 2005. DOI: 10.20396/eha.12005.3586. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3586>. Acesso em: 13 out. 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo vol. I. Fatos e Mitos.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. 936p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 512p.
- CORDEIRO, N. **A narrativa fotográfica dos álbuns de fotografia de família em Curitiba da primeira metade do século XX.** Curitiba, 2019. 410p. (Dissertação de Mestrado), História UFP.
- COSTA, Cléria Botelho da; BARROSO, Eloísa Pereira (Orgs.). **Brasília: diferentes olhares sobre a cidade.** Brasília: EdUnB, 2015. 288p.
- HOLSTON, J. **A cidade modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia.** São Paulo: Cia. das Letras, 1993. 368p.
- KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. 477p.
- MERLO, F.; KONRAD, G. V. R. **Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação.**, v. 20, n. 1, p. 26-42, 2015. DOI: 10.5433/1981-8920.2015v20n1p26. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2015v20n1p26>. Acesso em: 13 out. 2023.

OLIVEIRA, M. de. (2012). **Brasília: uma cidade ou uma capital à época de sua inauguração?**. Cadernos Metrópole, (15). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8779>. Acesso em 20 out. 2023.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio** in Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. 3-15p.

RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Cultura histórica em debate. São Paulo: UNESP, 1995. 81-91p.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. **Álbuns de família – fotografia e memória; identidade e representação**. In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH-RIO) - MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos [...]. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em: [/https://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276726781\\_ARQUIVO\\_ArtigoANPUH\[MarciaElisa\\_2010.1\].pdf](https://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276726781_ARQUIVO_ArtigoANPUH[MarciaElisa_2010.1].pdf). Acesso em: 13 de out. 2023.

RENDEIRO, Marcia Elisa Lopes Silveira. **Fotografia e memória nos Anos Dourados**. 2008. 126 p. Dissertação. PPGMS – Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss234.pdf>. Acesso em: 18 de out. 2023.